

O ANJO ANCORADO, de José Cardoso Pires — 3.^a edição, revista e seguida dum Estudo sobre o Autor por Alexandre Pinheiro Torres — Arcádia, Lisboa, 1964.

JOSÉ Cardoso Pires, recentemente distinguido com o Prémio Camilo Castelo Branco, publicou agora a 3.^a edição de *O Anjo Ancorado*, narrativa que surgiu pela primeira vez nas livrarias em Outubro de 58. Sobre o valor de toda a obra de Cardoso Pires, e em particular, do seu excelente romance *O Hóspede de Job*, muito se falou no ano passado. Sobre as qualidades do livro já clássico que é *O Anjo Ancorado* pouco haveria a dizer numa breve nota crítica. Esta 3.^a edição vem provar que o público compreendeu que se trata dum autor fundamental na moderna literatura de ficção portuguesa.

O volume agora publicado tem no final um longo estudo de Alexandre Pinheiro Torres, onde se tenta dar uma visão de conjunto de toda a produção (conto, teatro, ensaio) de Cardoso Pires. Pinheiro Torres aproveitou alguns artigos e críticas que anteriormente escrevera para formar um estudo tanto quanto possível panorâmico. Daí resultou talvez que não pôde adoptar com facilidade uma ordem cronológica. Os curtos capítulos em que se divide o seu ensaio de interpretação correspondem a determinados temas ou linhas de força da obra de Cardoso Pires. Fiquei, no entanto, com a impressão de que o Leitor Distraído, a quem Pinheiro Torres se dirige, se sentirá por vezes desorientado.

E, visto que é para um Leitor Distraído que o ensaio se destina, gostaria de apontar alguns pontos que esse leitor, distraído como é, poderá interpretar numa forma que me não parece conveniente e que nem sempre corresponderá, creio, ao pensamento do próprio autor.

Em primeiro lugar, nem sempre estou de acordo com o vocabulário de Pinheiro Torres. A distinção entre *homem substantivado* e *homem adjectivado* não me parece feliz. O uso do conceito de *alienação* será por vezes abusivo, pelo menos, na forma simplificada em que nos surge. A noção de *infra-estrutura dum estilo* não é clara.

Em segundo lugar, Pinheiro Torres escreve: «a *O Anjo Ancorado* de Cardoso Pires [um] significado alegórico». Julgo que isso está em contradição com a qualificação de *neo-realista* que ambos atribuímos ao autor de *Caminheiros*. Creio que aquilo que precisamente dá a *O Anjo Ancorado* ou *O Hóspede de Job* grande parte do seu mérito é a sensação de evidência, de realidade evidente, ainda por elaborar (aparentemente, é claro) no domínio das significações, isto é, uma realidade significativa na sua própria imanência, que esses livros deixam no leitor. Daí a multiplicidade de sentidos que tais narrativas permitem encontrar. Reduzi-las, ou parecer reduzi-las, a uma alegoria acaba, na realidade, por diminuí-las. Vejamos o que, por exemplo, a tal respeito nos diz Lukacs: «Enquanto categoria estética — bastante problemática, aliás — a alegoria dá, na verdade, uma expressão estética a certas visões do mundo, cujo carácter con-

siste precisamente em dissociar o mundo, fazendo-o basear-se numa transcendência essencial, cavando um abismo entre o homem e o real. Se a alegorização, enquanto orientação do estilo é esteticamente problemática, é porque ela implica, no artista, uma visão do mundo que recusa, por princípio, o *aqui em baixo*, a significação imanente ao ser e à acção do homem, isto é, o que sempre constituiu, e constitui ainda, a própria base de toda a *praxis* artística, e recusa-o de forma espontânea, muitas vezes inconsciente, até ligada à ideia de transcendência religiosa, e, por conseguinte, afectada por uma falsa consciência estética» (1). O que sucede é que Pinheiro Torres, ao esquematizar *O Anjo Ancorado* numa alegoria, e não desenvolvendo o seu projecto de analisar «a que ponto [O] «clima de jogo» terminou a construção da novela, acaba por deixar-nos uma impressão de pobreza, que não corresponde de forma alguma à que nos dá a leitura da própria narrativa. Julgo também que Pinheiro Torres não acentua suficientemente o carácter típico das personagens de Cardoso Pires. A propósito de *O Hóspede de Job*, falamos uma *simbologia* capaz de traduzir a especificidade de uma conjuntura histórica». Mas o termo *simbologia* poderá fazer esquecer que as figuras de *O Hóspede de Job* ou de *Jogo de Azar* não são apenas símbolos, mas pessoas, isto é, tipos, que quisermos aceitar o conceito que a teoria neo-realista nos fornece. Só assim será possível não deixar escapar ao Leitor Distraído o carácter objectivamente real de Guida ou João Portela, o Janico.

Discordo ainda da censura que se poderá ler em frases como esta: «alguns romances neo-realistas portugueses ao tratarem, por exemplo, da decadência das burguesias, como que isolam estas não as contrapondo com a apresentação daqueles extractos sociais que estão em processo de ascensão. É evidente que se se desce um prato da balança, o outro sobe fatalmente». Ora, se Cardoso Pires considera os dois pratos da balança, isso não será um elemento valorativo. Seria, sim, se se tratasse dum estudo de sociologia, em que deveríamos exigir que a realidade nos fosse apresentada numa forma «extensiva», isto é, em que deveríamos exigir uma totalidade «extensiva». Mas em arte, e numa perspectiva estritamente dialéctica, creio que o que nos

deve interessar é encontrar totalidades «intensivas». Portanto, não me parece pertinente a objecção feita.

Para finalizar, pretendia apontar um perigo. Todos estamos de acordo em ver em Cardoso Pires «uma linguagem reduzida ao essencial», «dizendo a história» ou os «valores pelo caminho mais directo, mas sem, todavia, desperdiçar as mais penetrantes sugestões estéticas». Contudo, quando Pinheiro Torres nos diz que se trata de «um tipo de escrita inimiga e feroz de todos os barroquismos de expressão», isso pode levar o tal Leitor Distraído a ornar-se inimigo feroz de todos os barroquismos de expressão — e não sei muito bem se ele poderá continuar a admirar um Aquilino Ribeiro, por exemplo.

Aqui estão pois, amigavelmente propostas, algumas das dúvidas e perplexidades que o trabalho de Pinheiro Torres me trouxe. Mas isso não significa que o não considere uma das mais completas e penetrantes contribuições para o estudo dum obra que, indiscutivelmente, merece a maior atenção de toda a nossa crítica.

EDUARDO PRADO COELHO